

FÓRUM

REPENSANDO A BIBLIOTECONOMIA

Anna da Soledade Vieira
Professora da Escola de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Minas Gerais

"Contemplo o que não vejo. É tarde, é quase escuro, e quanto em mim desejo está parado ante o muro".

Fernando Pessoa. **Cancioneiro**

As discussões levantadas nos últimos encontros da classe bibliotecária indicam que forças internas operam no sentido de grandes mudanças no panorama profissional. Assim, o I Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação de Salvador em 1980, focalizando a transferência da informação em um mundo desigual; os painéis da 2ª Semana de Estudos Bibliotecários da Paraíba promovidos pela APBPb em 1980, onde se discutiu o papel político do profissional da informação; o XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em João Pessoa em 1982, reunindo bibliotecários, educadores e demais cientistas sociais para debater a biblioteca como suporte à educação permanente; e mais recentemente, a VII Jornada Sul-Riograndense de Biblioteconomia e Documentação, de 1982, que conclamou a classe à reflexão e ação.

RESUMO

Reflexão sobre a Biblioteconomia, enquanto conhecimento e profissão, face à realidade brasileira no contexto terceiro-mundista. As limitações da área são analisadas como resultantes da sua falta de embasamento filosófico e social, ao lado de uma postura alienada, dogmática e tecnicista do profissional em exercício nas bibliotecas e Escolas de Biblioteconomia. A partir da visão do usuário brasileiro, novo modelo de biblioteca é proposto, considerando ali três espaços básicos: o de representação (isto é, informação registrada sob forma documental), o de apresentação (comunicação ao vivo entre indivíduos e grupos, visando ao diálogo e à informação) e o de criação (geração de informações pelo usuário, a partir dos insumos e estímulos da biblioteca). Finalmente um desafio à mudança é lançado aos profissionais da biblioteconomia.

Descritores: Biblioteconomia/conceitos/limitações; Biblioteca brasileira/proposta de modelo; Bibliotecário como agente social.

Considerando-se que nossas preocupações eram, até a década passada, inquestionavelmente de cunho técnico, é de se supor que o conteúdo das discussões atuais nos prenuncia o limiar de uma nova biblioteconomia, cuja concepção irá certamente, se refletir na implantação do novo currículo mínimo e no exercício profissional. É preciso, entretanto, que a reflexão e o debate não se arrefeçam e que contribuam objetivamente indicando rumos para mudança.

DOS CONCEITOS À DISCUSSÃO DE NOVOS RUMOS

Uma primeira questão a carecer de maior reflexão é conceitual e refere-se ao conteúdo mesmo da área.

Durante as três últimas décadas vimos os rótulos se alternarem — Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação — com matizes sutis na definição de campos. Contudo o que se evidenciou com o passar do tempo foi que a profissão se fossilizava e que nela não havia lugar para novos conhecimentos, novas atitudes. Os avanços teriam, assim, que, radicalmente, se constituir em nova área, em nova "ciência", embora, de fato, tudo não

passasse da evolução natural de uma única biblioteconomia.

No seu conteúdo tradicional e "avançado". Biblioteconomia tem sido considerada uma técnica social, voltada para o tratamento dos suportes materiais da informação. (O social, entretanto, qualifica a técnica apenas na teoria e não de fato).

Objeto assim restrito, cujas bases estão muito mais na tradição que na ciência e seus objetivos estando situados em planos outros que não o social, resulta em fortes limitações do universo profissional, tais como:

a) o tecnicismo impera como valor da formação profissional (enquanto na Universidade) e do próprio exercício da atividade bibliotecária, transformando a biblioteconomia em um corpo sem espírito, em uma profissão cuja filosofia, é confinada dentro dos estreitos limites de um pobre e defasado código de ética;

b) o isolamento dentro de uma técnica tão limitada e simples, empobrece a área enquanto campo de conhecimento e enfraquece o grupo profissional enquanto classe lutando por identidade, respeito, emprego e salário;

c) o conhecimento biblioteconômico apresenta-se como um produto acabado e, assim, em área tão dogmática, pouco se cria, raramente se inova e ousar é proibido;

d) embora teoricamente um trabalhador da área social, o bibliotecário não se faz sentir como necessário pela sociedade, seja pelo simplismo de sua proposta profissional, seja pelo seu alheamento às questões sociais e políticas relevantes à comunidade ao País ou mesmo pela baixa qualificação desse profissional para o diálogo substantivo com os usuários de áreas especializadas.

Falham as Escolas de Biblioteconomia, quando se fecham dentro dos estreitos limites de uma técnica desvinculada do contexto social, falha cada um de nós bibliotecários que, ao se conscientizar de seu despreparo teórico face ao universo do conhecimento e de sua miopia social no exercício da atividade bibliotecária, não elabora seu projeto de reeducação pessoal e profissional.

Urge, por isso, ao tentar-se a redefinição da área, um aprofundamento através do desenvolvimento de uma real teoria da biblioteconomia (a partir da análise de suas bases filosóficas e sociais) e do estudo de áreas

afins, em seus pontos de interseção com a biblioteconomia. Para tanto muito contribuiriam a pesquisa no campo específico e o intercâmbio com profissionais de outras áreas. A própria experiência em pesquisa (duramente alcançada por apenas alguns poucos profissionais da biblioteconomia) poderia ser aprofundada e estendida a um número maior de bibliotecários, através da associação a grupos de áreas diversas, com maior tradição em pesquisa, para investigação interdisciplinar de objeto comum.

Em uma visão mais ampla de intercâmbio — seja esse com bibliotecários, cientistas sociais ou outros — desejável seria que nossos olhos se voltassem com mais frequência para os companheiros de Terceiro-Mundo, com os quais temos muito em comum: inviabilidade tecnológica, ausência de poder de barganha no plano internacional, carência de recursos financeiros, deficiência de recursos humanos qualificados, fragilidade da estrutura social e política, etc.

Embora alertas aos avanços científicos e tecnológicos que ocorrem nos países industrializados, seria desejável uma análise altamente crítica antes de importarmos suas idéias, sua tecnologia, seus produtos ou seus dogmáticos consultores relâmpagos. O diálogo Norte-Sul há muito faliu e é agora preciso que se dê força ao intercâmbio Sul-Sul. Este talvez seja um dos caminhos a serem seguidos no desenvolvimento de uma teoria biblioteconômica voltada para a realidade do mundo concreto que partilhamos. Novas alternativas quanto a conteúdo e fontes informacionais, bem como a tecnologia da informação e meios de comunicação devem ser buscadas, em consonância com nossas necessidades, disponibilidades e características ambientais.

Se a primeira necessidade vislumbrada na busca de uma nova biblioteconomia é aprofundamento teórico, a segunda parece ser alargamento de fronteiras: enquanto o bibliotecário restringir o escopo de sua profissão ao tratamento dos suportes materiais da informação (ou da informação mesma, porém apenas com fins de arquivamento perfeccionista), sua área de estudo será pobre, seu campo de trabalho limitado, não valorizado socialmente e — assim mesmo, ou talvez por isso mesmo — disputado no mercado de trabalho por elementos não qualificados. O bibliotecário tem que se conscientizar de que o objeto de sua profissão é a informação e que ele tem um papel de catalisador/difusor do conhecimento dentro da sociedade, advindo daí seu grande potencial político como agente de transformação social.

Os dois aspectos — aprofundamento teórico e alargamento de fronteiras conceituais — mencionados anteriormente como pontos a serem considerados em um processo de mudança têm como essência e fundamento a redefinição da biblioteconomia como área de conhecimento e como campo profissional. Parte integrante da questão podem ser considerados o conceito de biblioteca e de bibliotecário, repensados a seguir.

A BIBLIOTECA

O conceito de biblioteca parece variar segundo a perspectiva de quem a contempla. Assim, para os governantes o elemento arquitetônico é o mais destacado, pelo que tem de prestigioso para uma administração; é concreto, evidencia-se, perpetua-se. Já para o bibliotecário a ênfase tem recaído sobre a organização do acervo bibliográfico, executada segundo um receituário-padrão importado acriticamente das sociedades pós-industriais. Resta, por fim, saber o que pensa o público sobre biblioteca.

Em duas ocasiões diferentes, ouvimos depoimentos da classe operária de João Pessoa, através de pesquisa realizada por alunos do Departamento de Biblioteconomia da UFPb (Curso de Mestrado, 1980-81 e Curso de Especialização, 1982) experiência essa que, por comparação com resultados semelhantes encontrados por colegas em outros locais, parece ser representativa de um segmento da população brasileira.

Indagados sobre a imagem que tinham da biblioteca, raros foram os entrevistados com alguma idéia vaga, tal como:

"é um lugar de estudo", ou
"é um carro que pára na porta
da escola do meu filho e que
empresta livro de histórias".

Uma grande contribuição dos entrevistados foi quando explicitaram sua expectativa em relação à biblioteca: donas de casa e jovens gostariam de ver cursos profissionalizantes funcionando na biblioteca; os carroceiros queriam que alguém diariamente interpretasse para eles o mundo do noticiário jornalístico; uma velhinha, cujos filhos emigraram para o "Sul-Maravilha", perguntava:

"será que na biblioteca tem uma
pessoa pra ler e responder
as cartas que recebo dos meus
filhos?"

A maior lição veio, entretanto, de um pedreiro que, lembrando quão duro foi para ele "aprender o ofício", gostaria de participar do trabalho da biblioteca, dando ali aulas de técnicas de construção para os jovens. Ele nos ensina que a comunidade deve ser sujeito do processo de transferência da informação, em pé de igualdade com o bibliotecário e, desse modo, nos sugere uma biblioteca que é por assim dizer a antítese da instituição autoritária que temos secularmente, oferecido à sociedade. Para aquele operário a biblioteca deveria ser um espaço livre e aberto, voltado para a atuação da comunidade, a produção e o intercâmbio de seus conhecimentos e experiências.

Três grupos, três perspectivas inteiramente diferentes. Assim, se para governantes e bibliotecários a biblioteca é estática e um fim em si mesma, para o público ela é dinâmica, é instrumento para consecução de objetivos individuais e sociais. Na amostra enfocada ninguém buscava especificamente livros ou periódicos na biblioteca; queriam, antes de mais nada, um espaço de diálogo e a troca de experiências, não importando àquelas pessoas se, onde e como o conhecimento demandado estivesse registrado, e se àquela instituição se desse ou não o nome de biblioteca.

Bem sabemos que bibliotecas existem fora da esfera governamental e até sem bibliotecários. Contudo, a única justificativa para a existência de uma biblioteca é seu público real ou potencial. Destarte, só é verdadeira a biblioteca cujo caráter foi definido a partir da perspectiva de seu público. Quantas, entretanto, dentre as que existem hoje entre nós, serão avaliadas por seu público como dinâmicas e como um meio eficaz através do qual se realizam como indivíduos e grupo?

Cabe ao público o julgamento e ele, de fato, nos julga — a nós bibliotecários e às bibliotecas — na sua satisfação ou insatisfação de usuário real ou, na qualidade de não-usuário, através de sua ausência causada seja pela falta de projeção externa de nosso potencial, seja porque ele rejeita o modelo atual de biblioteca.

A fim de que a biblioteca integre-se nessa perspectiva do público, ela deve ser um espaço cultural, um lugar de diálogo e *terreno aberto* a acontecimentos. Nesse sistema aberto e dinâmico a sociedade se manifestará através de três espaços básicos, a saber:

a. espaço de representação, constituído pelo conhecimento registrado em formas materiais diversas

(livros, periódicos, material audiovisual, etc) e que deve ser visto como criação individual resultante do apoio coletivo e, assim, devolvido igualmente a todas as camadas da sociedade sob forma de informação, apoio, orientação e motivação;

b. espaço de apresentação, isto é, comunicação ao vivo entre indivíduos e grupos: aquele que sabe e o que quer aprender o contador de história e sua platéia; o escritor e seu público; o artista e seus apreciadores; o pesquisador e seus colegas. E, antes de tudo, o reencontro do indivíduo com sua liberdade de sereacontecer.

c. espaço de criação, considerados nele os insumos informacionais, a orientação o apoio e toda a ambiência oferecida pela biblioteca, a fim de que, seja o cidadão comum, seja um pensador ou esteta recebam os estímulos necessários à criatividade. Nessa dimensão, a biblioteca é o usuário, na medida em que este gera e detém a informação.

Esses três espaços inter-relacionam-se, interpenetram-se livremente, de forma que os registros podem ganhar vida através da apresentação do autor ou do público (reprodução, crítica, debate, etc), pela sua utilização prática em qualquer forma, de produção social ou através de sua recriação. Do mesmo modo, o indivíduo que receba criticamente o conhecimento registrado, ou que participe ativamente de sua comunidade (seja essa popular ou científica) é capaz de criar cultura, de produzir conhecimento, o qual se incorporará novamente ao espaço de representação da biblioteca.

Essa será uma biblioteca*viva e seu bibliotecário considerado uma necessidade social, um profissional insubstituível por arremedos burocráticos.

Apenas como elemento complicador do momento de transição que vivemos no ensino da biblioteconomia, algumas questões devem ser levantadas: responderia o novo currículo ora aprovado às características desse animador bibliotecário? Qual o conteúdo desejável para um currículo pleno, dentro dessa perspectiva social dinâmica?

*O termo biblioteca é aqui mantido pela tradição, mas deve ser entendido na sua generalização máxima para representar o local de atuação do profissional da informação, seja esse um salão comunitário, a barraca de informações do mercado, um estúdio de rádio ou TV, uma hemeroteca ou um centro computarizado de informações. Qualquer que seja, portanto, o canal utilizado por aquele profissional para transferir a informação.

OBIBLIOTECÁRIO

Se olharmos nossa profissão através do fazer bibliotecário ao longo do tempo, sentiremos que partimos de uma biblioteconomia circunstancial (tradicional, tecnicista e apenas de apoio) a caminho de uma biblioteconomia substantiva (dinâmica, social, com identidade e conteúdo próprios).

Assim, disseram-nos há algumas décadas atrás que o bibliotecário era o "servo dos servos da ciência", isto é, um profissional sem identidade própria, um técnico encarregado de apenas processar a coleção e colocá-la à disposição daquele público privilegiado. Um profissional amorfo, passivo, pretensamente neutro, de atuação secundária nos bastidores. Essa seria, então, uma biblioteconomia circunstancial, apêndice, a qual prevaleceu por longo tempo e, infelizmente, ainda persiste como modelo para os profissionais acomodados.

Como parte integrante do Terceiro Mundo, participamos hoje de um processo marcado por profundas mudanças sociais causadas seja pelo reajustamento das relações político-econômicas internacionais, seja pelas crises internas vivenciadas pela sociedade brasileira.

A biblioteconomia, como parte do contexto, não é impermeável a essa inquietação e conseqüentemente percebe-se a crescente conscientização do bibliotecário em relação a seu papel social, bem como seu esforço em busca de identidade própria dentro do universo profissional.

A partir da perspectiva do público, anteriormente abordada, é de se esperar que, em futuro próximo a biblioteconomia deixe de ser apenas meio e seja, em si mesma, a mensagem; que o bibliotecário troque a forma pelo conteúdo e assuma seu papel de agente social, trabalhando o conhecimento e a informação com seu público, no intuito de favorecer o crescimento do indivíduo, a comunicação entre pessoas e grupos (ainda que distanciadas no tempo e no espaço), o revigoramento da cultura e a melhoria da qualidade de vida. Por fim, que a biblioteca deixe de ser reduto do bibliotecário e se torne a casa do povo ou ainda mais que isso: que a biblioteca seja o público, tão viva e dinâmica ela se torne.

Seremos nós capazes de realizar a travessia? O desafio está lançado.

Nota da Autora:

Este artigo é parte de uma reflexão mais ampla, que, por razões editoriais, é apresentada sob forma de três artigos: "Repensando a Biblioteconomia" (aspectos conceituais), "Mercado de Informação: do Tradicional ao Inexplorado" (a profissão) e "Caminhos Transdisciplinares para a Formação de Bibliotecários" (linhas curriculares para a formação do profissional da informação proposto). O primeiro deles ora se publica na Ciência da Informação; os outros, a serem publicados respectivamente na Revista de Biblioteconomia de Brasília e na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, ainda em 1983.

ABSTRACT

Provocative thoughts about Librarianship as a profession and as knowledge, within Brazilian context

as a third world country. The weakness of the area is focused and some reasons for that are pointed out: Library Science's lack of philosophical and social foundations, librarian's socio-political irresponsibility, dogmatic and technicist attitude of both librarians and professors at Library Schools.

From users' point of view, a new profile of professional is demanded to work in a new library. A tridimensional model of library is proposed to embrace the spaces for representation (registered information), for presentation (live communication among individuals or groups to exchange experiences and information) and for creation (generation of information by the user, as a result of library inputs and stimulation).

Finally, a challenge to change the face of librarianship in Brazil is proposed to the information professionals working in the country.